O GRUPO DE SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE MONTEDOURO (PERAFITA, MATOSINHOS)

JOSÉ MANUEL VARELA* Conceição pires**

Resumo: A necrópole rupestre de Montedouro (Perafita, Matosinhos) é constituído por um conjunto de cinco sepulturas escavadas na rocha. Pela sua situação geográfica serão um dos grupos de sepulturas escavadas na rocha de implantação mais litoral no território português, sendo que uma das sepulturas tem uma posição dominante de visibilidade sobre a orla costeira e o mar desta zona. Por toda a área envolvente tem vindo a recolher-se diverso material arqueológico, de cronologia diversa, com uma presença significativa de peças de cronológica enquadrável no período tardorromano e Antiguidade Tardia e eventualmente da Alta Idade Média. Neste trabalho fazemos uma revisão do conhecimento deste sítio arqueológico e apresentam-se ainda outras referências conhecidas na bibliografia arqueológica de sepulturas escavadas na rocha na região, mas que terão sido já destruídas.

Palavras-chave: Sepulturas rupestres; Litoral Atlântico; Antiguidade Tardia.

Abstract: The rock-cut necropolis of Montedouro (Perafita, Matosinhos) consists of a set of five graves excavated in the rock. Due to its geographical situation will be one of the groups of rock-cut graves of more coastline implantation in the territory. One of the graves has a dominant position of visibility in the landscape. Throughout the surrounding area has been collecting various archaeological material, of diverse chronology, with a significant presence of pieces of chronological framed in the late-Roman period and Late Antiquity and eventually of the High Middle Ages. In this paper we make a review of the knowledge about this archaeological site and also present other references known in the archaeological bibliography of similar rock-cut graves in the region, but which have already been destroyed.

Keywords: Rock-cut graves; Atlantic Coast; Late Antiquity.

1. INTRODUÇÃO

Referidas pela primeira vez, de forma muito breve, por Francisco Martins Sarmento, formam um conjunto cinco sepulturas dispersas por um campo situado no lugar de Montedouro, a pouca distância da aldeia do Cabo do Mundo (Perafita, Matosinhos)¹. Posteriormente Rocha Peixoto², Joaquim Neves dos Santos³, Mário

^{*} Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos. Email: jose.varela@cm-matosinhos.pt.

^{**} Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos.

¹ Este lugar atualmente está administrativamente integrado na União de Freguesias de Lavra, Perafita e Santa Cruz do Bispo, no Concelho de Matosinhos. Até 1836 esta freguesia pertenceu à Terra da Maia.

² PEIXOTO, 1906.

³ SANTOS, 1956, 1959.

Barroca⁴, Diana Bencatel⁵ e Conceição Pires⁶ descreveram de forma mais pormenorizada estas sepulturas. Foram classificadas como Imóvel de Valor Concelhio em 1974, sendo reclassificadas, em 2001 como Imóvel de Interesse Municipal.

Pela sua situação geográfica serão um dos grupos de sepulturas escavadas na rocha de implantação mais litoral no território português, sendo que uma das sepulturas tem uma posição dominante de visibilidade sobre a orla costeira e o mar desta zona. Apresentam alguma diversidade tipológica, destacando-se pela sua posição topográfica e estado de conservação, uma sepultura cuja cabeceira e pés têm um contorno ligeiramente ovalado.

Por toda a área envolvente tem vindo a recolher-se diverso material arqueológico, de cronologia diversa, com uma presença significativa de peças cuja cronologia se enquadra no período romano e da Antiguidade Tardia, estendendo-se eventualmente até à Alta Idade Média.

Para além deste grupo de sepulturas escavadas na rocha, são conhecidas ainda referências antigas a outras sepulturas na região, provavelmente do mesmo tipo, mas que até ao momento não foi possível localizar, que terão sido mesmo destruídas durante o século XX pela exploração de pedreiras e de novas edificações. São também conhecidos na região envolvente vestígios arqueológicos, identificados em prospeções de superfície, relacionados com o período tardorromano e Alta Idade Média, que contribuem para contextualizar melhor a ocupação do território envolvente durante este período.

2. O GRUPO DE SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE MONTEDOURO

O grupo de sepulturas escavadas na rocha de Montedouro, ocupa um grande afloramento granítico, entre o lugar de Pampelido Velho a norte e o Cabo do Mundo a sul, sobranceiro à planície litoral da freguesia de Perafita, no concelho de Matosinhos. O conjunto é composto por cinco sepulturas, dispersas por uma área de 1 hectare, onde se podem distinguir duas sepulturas isoladas e um subgrupo de três outras sepulturas agrupadas. O acesso a este sítio é realizado pela Travessa do Cabo do Mundo.

O espaço onde se implanta este conjunto de sepulturas rupestres é dominado por um pequeno outeiro, que atualmente se encontra significativamente alterado pela intensa exploração de pedreiras que, um pouco por todo o concelho de Matosinhos, desbastou diversos afloramentos graníticos durante os finais do século XIX e os inícios do século XX. Em muitos sítios deste outeiro, a que chamam o *Monte*

⁴ BARROCA, 1987, 2011.

⁵ BENCATEL, 2009.

⁶ PIRES, 2012.

das Pedras⁷, são visíveis os cortes realizados no afloramento rochoso para a extração dos blocos graníticos. Quando, por volta de 1899, Rocha Peixoto visitou este local ainda a extração de pedra estava a funcionar em pleno neste local, uma vez que ele refere que «andavam a extrahir pedra do logar, muito perto da sepultura aludida»⁸. No entanto, pelo menos a sepultura rupestre localizada no topo deste outeiro acabou por ser preservada, mas desconhecemos se teriam existido outras no mesmo local que possam ter sido destruídas pela exploração desta pedreira.

As restantes sepulturas localizam-se a uma cota mais baixa, num pequeno plateau granítico, situado a nordeste do referido outeiro, numa bouça a que chamam o «Monte da Parede». Contíguo a esta bouça fica um campo de cultivo que quando Martins Sarmento visitou este local era conhecido popularmente como o «Campo das Antinhas» ou ainda por «Campo das Santinhas». Neste campo Martins Sarmento recolheu a informação oral de «uma mulher, que o lavrador que o fazia encontrava muito caco. Ao pé de um penedo e não muito longe da segunda campa, encontrei eu também pedaços de telha com rebordo»⁹. Também é referido por algumas pessoas da zona que existe por aqui a crença de que neste local teria existido, em tempos remotos, uma igreja¹⁰.

Este grupo de sepulturas apresenta diversas orientações, não seguindo assim a chamada orientação canónica, com a cabeceira voltada para nascente, parecendo que o critério utilizado para a sua implantação se deveu mais a motivos práticos de adequação ao substrato rochoso do que a uma intencionalidade ritual.

A sepultura n.º 1 distingue-se claramente das restantes, quer pela sua tipologia, quer ainda pela sua localização topográfica. Trata-se de uma sepultura do tipo «banheira», cujos topos são arredondados e as paredes retas, com uma cavidade sepulcral relativamente estreita. É cercada a toda a volta por uma moldura de rebordo subcircular, bastante saliente, onde encaixaria a respetiva tampa e que apresenta ainda, no seu topo norte, um sulco bem marcado. O interior da cavidade sepulcral apresenta um tratamento da superfície rochosa muito cuidado, com uma picagem muito fina, que lhe confere uma superfície muito lisa e uniforme, quase sem se notar as marcas de ação do pico no desbaste da rocha. No interior do topo sul da cavidade é ainda visível uma depressão circular, supostamente destinada a melhor segurar a posição da cabeça do defunto. A base interior da sepultura apresenta ainda uma ligeira inclinação para norte.

Mas o que é mais interessante nesta sepultura é a sua localização topográfica, no topo de um outeiro que permite uma visão de 360° sobre toda a paisagem em

⁷ SARMENTO, 1970: 44.

⁸ PEIXOTO, 1906: 288.

⁹ SARMENTO, 1970: 45.

¹⁰ PIRES, 2012: 90, 108.



Fig. 1. Sepultura n.º 1 da necrópole rupestre de Montedouro Fonte: José Varela

redor e particularmente sobre a faixa marítima, a Poente, uma vez que a praia fica apenas a uma distância de 900 metros da praia de Arnosa de Pampelido¹¹, com alcance visual sobre todo o território da freguesia de Perafita, quer para norte, como para nascente e sul. Esta posição topográfica dominante sobre o território distingue esta sepultura das restantes deste núcleo e parece ter resultado de uma escolha deliberada de diferenciação simbólica relativamente às restantes sepulturas deste núcleo. No entanto, no estado atual dos nossos conhecimentos, não conseguimos determinar se esta diferenciação se deverá a uma questão cronológica ou se terá por base uma diferença de estatuto social na personalidade que aqui terá sido inumada.

As restantes sepulturas deste grupo são muito diferentes da que foi atrás referida. Situam-se numa cota mais baixa, com pouca visibilidade. A sepultura n.º 2 é de formato sub-retangular, com parte do largo rebordo saliente preservado num dos topos e ausente no resto da sepultura. Possui ainda a particularidade de dispor de um

¹¹ Atualmente esta praia é vulgarmente conhecida como «Praia da Memória», devido ao obelisco que assinala a memória do desembarque de D. Pedro IV e do «Exército Libertador» aqui ocorrido em 1832. Até esta época era também designada como «Praia dos Ladrões».

orifício subcircular, na base da cavidade sepulcral, no topo do lado sul, que atravessa o rochedo, possivelmente para drenagem de líquidos do interior da cavidade. Apesar de apresentar uma forma não-antropomórfica, deve-se salientar que o rebordo aparece circunscrito apenas ao topo da sepultura do lado norte e aparentemente não ocuparia todo o contorno da sepultura, pelo que poderemos pensar que poderia ter como intenção indicar a localização da cabeceira.

A sepultura n.º 3 apresenta-se danificada, conservando-se cerca de 50% da totalidade, uma vez que é cortada por um caminho de «pé-posto» que a deve ter destruído parcialmente. Além disso o próprio afloramento rochoso apresenta sinais de fragmentação e destacamentos, que também devem ter contribuído para a sua degradação. Tem a particularidade de a cavidade sepulcral estar em plano significativamente inclinado. Também possui um rebordo, parcialmente destruído, que marca a zona a zona da cabeceira da sepultura.

A sepultura n.º 4 é na realidade uma protossepultura inacabada, onde apenas é visível o esboço das linhas de desbaste delineadas na rocha para se iniciar a abertura da sua sepultura. Apresenta uma forma retangular não-antropomórfica. Observa-se um ligeiro rebaixamento num dos seus topos, sendo igualmente patente que, por motivos desconhecidos, este trabalho terá sido abandonado muito pouco tempo depois de se ter iniciado. É patente que nesta sepultura houve a intenção inicial de a orientar canonicamente no sentido nascente-poente.

A sepultura n.º 5 implanta-se na borda de um afloramento rochoso situado a uma cota mais baixa e contíguo às sepulturas 3 e 4. É de formato retangular, sem antropomorfismo e apresenta um rebordo muito saliente, apesar de ter sido parcialmente destruído devido a ter-lhe sido adossado um muro moderno e uma habitação na zona imediatamente contígua deste afloramento. Tem a particularidade de ser a única destas sepulturas que está orientada canonicamente no sentido nascente-poente.

Descrição das sepulturas¹²

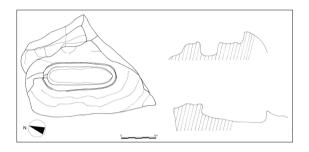
Sepultura n.º 1

Coordenadas: 41° 13′ 43″ N | 8° 42″ 40″ O

Altitude: 37 m Dimensões:

Comprimento máximo: 2,07 m (incluindo o rebordo); Largura máxima: 0,76 m (incluindo o rebordo); Comprimento da cavidade sepulcral:1, 87 m; Largura da cavidade sepulcral: 0,55 m; Profundidade da cavidade sepulcral: 0,40 m;

Orientação: 20º





Sepultura n.º 2

Coordenadas: 41º 13' 48" N | 8º 42' 39" O

Altitude: 31 m Dimensões:

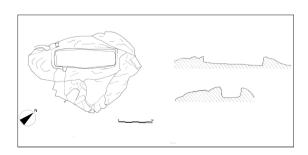
Comprimento máximo: 2,00 m (incluindo o rebordo);

Largura máxima: 0,63 m;

Comprimento da cavidade sepulcral: 1,79 m; Largura da cavidade sepulcral: 0,63 m;

Profundidade máxima da cavidade sepulcral: 0,27 m;

Orientação: 30º





 12 As figuras das sepulturas (n.º 1, 2, 3, 4 e 5) são da autoria de José Varela — Gabinete Municipal de Arqueologia e História de Matosinhos.

Sepultura n.º 3

Coordenadas: 41º 13' 47" N | 8º 42' 37" O

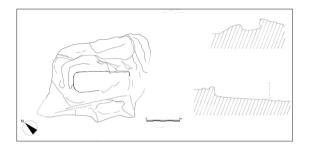
Altitude: 24 m Dimensões:

Comprimento máximo: 1,81 m (incluindo o rebordo);

Largura máxima: 0,80 m (incluindo rebordo); Comprimento da cavidade sepulcral: 1,68 m; Largura da cavidade sepulcral: 0,69 m;

Profundidade máxima da cavidade sepulcral: 0,24 m;

Orientação: 304º





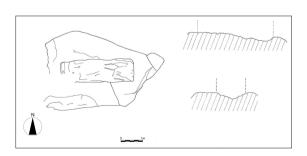
Sepultura n.º 4

Coordenadas: 41° 13′ 48″ N | 8° 42′ 37″ O

Altitude: 24 m

Proto-sepultura inacabada, onde apenas é visível o esboço das linhas de desbaste delineadas na rocha para se iniciar a abertura da sua sepultura. Observa-se um ligeiro rebaixamento num dos seus topos, sendo igualmente patente que, por motivos desconhecidos, este trabalho terá sido abandonado muito pouco tempo depois de se ter iniciado.

Orientação: 214º





Sepultura n.º 5

Coordenadas: 41º 13' 47" N | 8º 42' 37" O

Altitude: 22 m Dimensões:

Comprimento máximo: 2,03 (incluindo o rebordo);

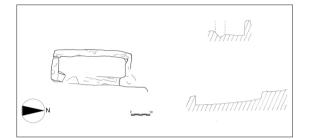
Largura máxima: 0,94 m (incluindo rebordo);

Comprimento da cavidade sepulcral: 1,74 cm;

Largura da cavidade sepulcral: 0,57 m;

Profundidade da cavidade sepulcral: 0,32 m;

Orientação: 290º





A primeira referência bibliográfica relativa à existência de sepulturas rupestre neste local é de Francisco Martins Sarmento que, aqui vem em 1878 enquanto veraneava por Matosinhos, relatando em carta que escreve a Possidónio da Silva os resultados das suas prospeções. Tendo-se deslocado a Perafita para averiguar a existência na freguesia de antiguidades arqueológicas, acaba por entrar em contacto com o padre José, antigo pároco da freguesia, que residia no lugar do Cabo do Mundo. O sacerdote mostrou-lhe então um local, perto da sua residência, onde existiam umas «sepulturas abertas em penedos». Nesta visita Martins Sarmento identificou três sepulturas, descrevendo que eram «3 sepulturas abertas em rocha, mas em forma de canoa, com ângulos arredondas, duas quadrilongas, estando uma dellas já partida e metida por baixo da parede dum pequeno campo. Perto desta última encontrei fragmentos de telha romana e perguntando a umas mulheres se por alli apareciam muit(os) cacos como aquelles, uma dellas respondeu-me que o dono do campo, quando lavrava, encontrava muita cacaria. O campo chama-se campo das Antinhas»¹³. Em outro apontamento Martins Sarmento deixa ainda mais indicações sobre este sítio dizendo que «Ao pé de um penedo, e não longe da segunda campa, encontrei eu também pedaços de telha com rebordo. Houve, pois, em Perafita uma povoação que não deixou de si nenhuma memória, nem tradição»¹⁴.

¹³ SARMENTO, 1933: 29-30.

¹⁴ SARMENTO, 1970: 43-45.

Anos mais tarde também Rocha Peixoto fará referência à existência destas sepulturas¹⁵, na sua tentativa de inventariação das sepulturas em abertas em rocha do norte de Portugal. As observações que Martins Sarmento tinha feito duas décadas antes tinham-se mantido inéditas, vindo apenas a ser publicadas muitos anos mais tarde. Por esse motivo Rocha Peixoto apenas faz referência a uma informação sobre a existência de uma das sepulturas, a que identificamos como sepultura n.º 1. Comunicava-lhe o informador que «distante dois kilómetros da costa e no cimo d'uma collina, via-se uma espécie de pia estreita e comprida, onde caberia deitado um homem de estatura mediana, era aberta na rocha e a contorna-la observava-se um rebordo saliente, da largura duma mão travessa. Numa das cabeceiras uma depressão como indicava o logar da cabeça; ao fundo um sulco»¹⁶.

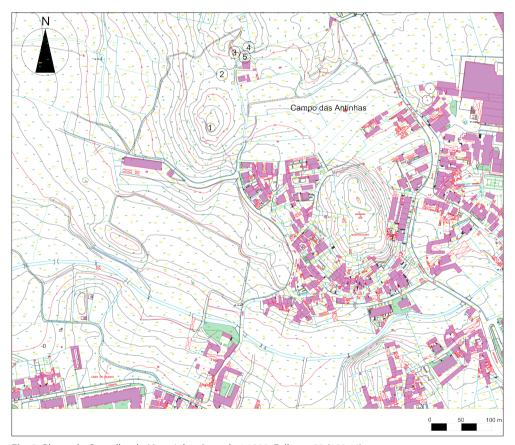


Fig. 2. Planta do Concelho de Matosinhos à escala 1:1000, Folha nº 52 (109.44) Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos (Março de 2003)

¹⁵ PEIXOTO, 1906: 288.

¹⁶ PEIXOTO, 1906: 288.

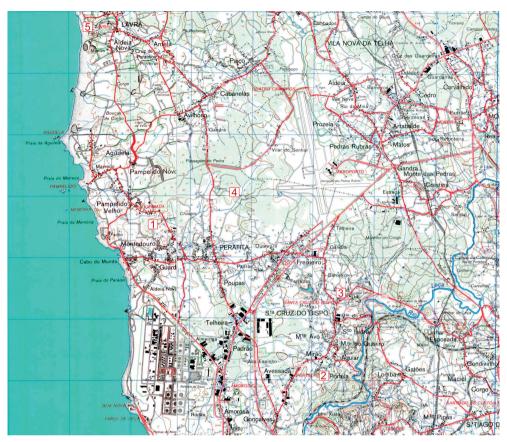


Fig. 3. Localização dos sítios referidos no texto na carta militar 1:25000 Fonte: Serviços Cartográficos do Exército, 1975. Folhas 109 e 110

Joaquim Neves dos Santos, em 1954, relocaliza e regista fotograficamente duas sepulturas deste grupo que, pela descrição, serão as correspondentes às sepulturas n.º 1 e n.º 3, mas acrescenta que «a segunda sepultura, voltada para sueste, de acabamento mais tosco [...] fazia parte de um grupo de seis sepulturas, que foram destruídas pelos montantes que extraíram pedra no local. Pelos muros de vedação dos campos vizinhos foram encontrados restos de sepulturas metidas nas paredes»¹⁷. Relativamente à outra sepultura, a descrição coincide com a sepultura n.º 1 como «de acabamento muito perfeito, [...] de formas arredondadas, fundo semicilíndrico, cabeceiras circulares, com cavidade para a cabeça do defunto. Está voltada a norte [...] sendo mais profunda para os pés»¹⁸. Portanto, de acordo com a descrição de Joaquim Neves dos Santos, este grupo de sepulturas deveria assim ser maior, havendo

¹⁷ SANTOS, 1955: 158.

¹⁸ SANTOS, 1955: 158.

pelo menos uma sepultura em falta, ou porque terá sido destruída pela extração de pedra ou porque ainda não se conseguiu localizar. A existência de outras sepulturas reaproveitadas nas paredes dos muros de vedação dos campos, é também significativa da importância arqueológica deste sítio não se resumir apenas a este grupo de sepulturas abertas em rocha.

A este sítio arqueológico referiram-se também os estudos realizados por Mário Barroca¹⁹ sobre a problemática das sepulturas abertas em rocha, que menciona a existência no local de cinco sepulturas, embora a quinta estivesse oculta pela vegetação e pela acumulação de detritos. Também os trabalhos realizados por Diana Bencatel²⁰ e Conceição Pires²¹ apresentam a descrição desta necrópole.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DAS SEPULTURAS DE MONTEDOURO

No final da década de 1990, o Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos ao fazer a relocalização deste grupo de sepulturas escavadas na rocha identificou as cincos sepulturas que são atualmente conhecidas, nomeadamente a sepultura n.º 4, exemplo de uma obra que teria sido interrompida, pouco tempo depois de se iniciar, assim como a sepultura n.º 5 que, devido a estar a uma cota mais baixa, esteve durante muitos anos tapada por um grande eucalipto, que tombou durante uma tempestade, pondo assim à vista esta sepultura. Ao mesmo tempo a prospeção e a recolha de superfície na área em volta vieram confirmar as indicações de Martins Sarmento sobre a ocorrência de materiais cerâmicos à superfície. Na área envolvente apareciam superficialmente numerosos fragmentos de tégula romana, assim como fragmentos de cerâmica comum tardia e ânfora, por vezes misturados com outros materiais atribuíveis à Idade do Bronze.

Em 2009, no âmbito de trabalhos de acompanhamento arqueológico para a instalação de um ramal de gás, foi realizado uma sondagem arqueológica, por Carlos Batata, ao serviço da empresa OZECARVS, que estava a realizar o acompanhamento arqueológico da empreitada²². A sondagem, numa área de 2 x 12 m, foi implantada na área entre a sepultura n.º 1 e a sepultura n.º 2. A potência estratigráfica da zona era diminuta, uma vez que a capa de terra que cobria o substrato rochoso tinha em média menos de 50 centímetros de espessura, além de que o próprio afloramento se apresentava em processo de desagregação. No entanto nesta sondagem foi recolhida uma quantidade significativa de materiais arqueológicos, nomeadamente cerâmica de construção romana (tégula e ímbrice), cerâmica comum romana, cerâmica alto-me-

¹⁹ BARROCA, 1987: 156-157; 2011: 161-162.

²⁰ BENCATEL, 2009: 233-237.

²¹ PIRES, 2012: 90: 2016.

²² BATATA, 2009.

dieval muito fragmentada e cerâmica manual pré-histórica. Estes materiais encontravam-se misturados, em deposição secundária, não tendo sido aqui identificadas estruturas arqueológicas.

Tabela 1. Materiais cerâmicos recolhidos em Montedouro em 2009

Classificação	N.º fragmentos	%
Cerâmica Pré-Histórica	20	9.01%
Material de construção romano	22	9.91%
Cerâmica Romana	100	45.05%
Cerâmica Visigótica	22	9.91%
Cerâmica alto-medieval	26	11.71%
Indeterminada	32	14.41%
Total	222	100.00%

Fonte: BATATA, 2009. (adaptado)

Considerando os resultados apresentados pela sondagem e outras informações recolhidas no local, concluiu que

No topo do monte, entre as sepulturas espalhadas, encontram-se muitos fragmentos de tégulas e imbrices, a denunciar um povoamento romano e visigótico. Segundo algumas pessoas locais, o campo a Sul/Poente da sepultura principal chama-se o "campo das panelas" e há referência a aparecerem potes de barro (informação do Dr. José Varela). Donos de propriedades adjacentes, que nos visitaram durante a escavação, referiram o aparecimento de telhas e potes de barro também a noroeste da escavação e a existência de uma capela²³.

4. OUTRAS SEPULTURAS ABERTAS NA ROCHA NO TERRITÓRIO DO CONCELHO DE MATOSINHOS

Na região envolvente à necrópole de Montedouro terão existido, de acordo com as referências antigas registadas na bibliografia arqueológica, outros grupos de sepulturas escavadas na rocha. Trata-se, no entanto, de um território que foi sujeito a uma profunda transformação, primeiro devido à exploração intensiva de numerosas pedreiras e posteriormente pela instalação de grandes infraestruturas industriais e de transportes. Estas sepulturas não se conseguiram, até ao momento relocalizar, embora tenhamos uma ideia aproximada da sua localização.

²³ BATATA, 2009: 5-6.

4.1. Souto da Portela (Santa Cruz do Bispo)

Rocha Peixoto refere que na vizinha freguesia de Santa Cruz do Bispo existiriam diversas sepulturas escavadas na rocha. Refere a existência de duas sepulturas no lugar do Souto da Portela, sendo que que uma tinha «a profundidade da fossa de pouco mais de 0,10, o comprimento 1,80, voltada para nascente e ligeiramente mais larga no logar onde deviam ter repousado os hombros. Acima encontra-se metade d'outra com orientação diferente: NE-SO»²⁴. Em 1955 Joaquim Neves dos Santos consegue relocalizar o local onde se situava a referida sepultura, cuja existência já era desconhecida dos habitantes locais, mas já não refere a existência da segunda sepultura²⁵. No âmbito da elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos tentou-se proceder à localização desta sepultura. Na zona indicada, entre a Rua da Portela e a Rua do Souto, terá existido um grande afloramento rochoso, que foi desmontado e onde atualmente se encontra um conjunto de habitações construídas posteriormente à data em que Joaquim Neves dos Santos refere este local. Apenas subsiste o topo do afloramento rochoso onde se implanta um marco geodésico. Supomos assim que será este o local onde ficariam as duas sepulturas referidas por Rocha Peixoto e Joaquim Neves dos Santos²⁶.

4.2. Lugar de Santa Cruz (Santa Cruz do Bispo)

Rocha Peixoto também refere que em Santa Cruz existiam outras sepulturas, especificando que «algumas com a forma da cabeça»²⁷, ou seja, seriam já sepulturas totalmente antropomórficas e portanto posteriores aos finais do século IX. O lugar de Santa Cruz corresponde aproximadamente ao espaço situado entre a atual igreja paroquial e o Monte de São Brás, onde se localizaria o primitivo templo paroquial medieval, no espaço onde atualmente está a Quinta dos Bispos. A existência de um eremitério e de uma comunidade de eremitas no século XII, ou mesmo anteriormente, está documentada na doação da ermida de Santa Cruz, realizada em 1140 pela prioresa de S. Cristóvão de Rio Tinto, D. Ermesenda Guterres, a uma comunidade de frades eremitas²⁸. Atualmente este espaço está integrado na área do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, não estando acessível ao público. Existem, contudo, ali alguns elementos pétreos medievais, nomeadamente um sarcófago monolítico proveniente da área onde se presume que tenha sido a localização da antiga igreja medieval²⁹.

²⁴ PEIXOTO, 1906: 288.

²⁵ SANTOS, 1955: 159.

²⁶ PIRES, 2012: 110.

²⁷ PEIXOTO, 1906: 288.

²⁸ SANTOS, 1959: 75.

²⁹ PIRES, 2016.

4.3. Bouça do Corgo (Perafita)

Referido pela primeira vez por Joaquim Neves dos Santos em 1959, este grupo de sepulturas abertas na rocha, terá sido destruído pela extração de pedra dos afloramentos rochosos da região³⁰.

Joaquim Neves dos Santos faz apenas a descrição de uma das sepulturas, mas refere que seriam inicialmente em maior número, tendo sido destruídas pela exploração da pedreira. A última destas sepulturas estaria «voltada de Norte para Sul (com a cabeceira para Norte) e tinha um orifício sangrador aos pés e voltado para nascente. Muito perto destes sepulcros existe um outeiro chamado o Alto das Velas»³¹. Não é referido se a mesma teria, ou não, indícios de antropomorfismo, mas a indicação da existência de um «orifício sangrador» aproxima-a da tipologia da sepultura n.º 2 de Montedouro.

No âmbito da elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos procuramos relocalizar este grupo de sepulturas rupestres. Pela descrição deixada por Joaquim Neves dos Santos, identificamos um local que corresponde a um afloramento granítico localizado numas bouças junto da Rua do Monte do Corgo e Rua Central do Corgo, perto do Ribeiro de Montagaia e do lugar do Alto do Cão. Trata-se de um sítio que, nas últimas décadas, foi muito alterado, uma vez que é parcialmente cortado pela autoestrada A28, tem uma zona de grandes armazéns industriais e uma pequena zona urbanizada. Segundo informações de um residente local existe ainda uma memória de que os antigos diziam que terá existido um cemitério muito antigo num campo marginado a Nascente pelo ribeiro da Montagaia³².

Deverá ser também a este grupo de sepulturas que se refere Mário Barroca quando menciona as sepulturas do «Monte de Gaia»³³.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de sepulturas escavadas na rocha de Montedouro (Perafita) apresenta dois tipos diferentes. O primeiro é o representado pela sepultura n.º 1, com os seus topos redondos, a indicação da cabeceira através de uma depressão interior e um tratamento fino do interior da cavidade. O rebordo em volta é subcircular. O segundo tipo é constituído pelas sepulturas n.º 2, n.º 3 e n.º 5, de tipologia retangular ou sub-retangular, com rebordos largos. Em comum apenas serem de tipo não-antropomórfico.

Outra distinção é a implantação topográfica destas sepulturas. Enquanto a sepultura n.º 1 se localiza no alto de um outeiro, com uma abrangência visual de

³⁰ SANTOS, 1959: 63.

³¹ SANTOS, 1959: 64.

³² PIRES, 2012: 109-110.

³³ BARROCA, 2011: 162.

360º sobre o território da freguesia, as restantes sepulturas implantam-se numa cota mais baixa e discreta, sem uma grande amplitude visual.

A sepultura n.º 4 enquadra-se no conjunto das poucas sepulturas deste género inacabadas pouco tempo depois de se ter iniciado o trabalho de desbaste do afloramento rochoso.

Pensamos assim que estaremos em presença de dois momentos distintos de utilização funerária deste espaço, sendo a sepultura n.º 1 presumivelmente mais antiga do que as restantes. A ausência de indícios de antropomorfismo aponta para uma cronologia entre o século VII e o século IX³⁴.

O aspeto mais interessante, já intuído inicialmente por Francisco Martins Sarmento, mais tarde confirmado pelas prospeções realizadas pelo Gabinete Municipal de Arqueologia e História de Matosinhos, assim como pela sondagem realizada por Carlos Batata em 2009, é a existência de uma possível utilização deste espaço durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Apesar de ainda não se terem identificado estruturas arqueológicas neste local os materiais recolhidos apontam para uma utilização deste espaço entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, com a presença de cerâmica tardorromana, visigótica e altimedieval³⁵. Deverá ser na área contígua às sepulturas, que Francisco Martins Sarmento registou como o «Campo das Antinhas», atualmente um campo agrícola, que se deverá situar a zona com maior potencialidade arqueológica.

O historiador Armando Almeida Fernandes numa tentativa de identificação das igrejas mencionadas no documento de finais do século VI conhecido como Parochiale Suevum, aponta a possibilidade de a igreja da diocese portucalense mencionada na lista como Menturio possa corresponder a este lugar de Montedouro. A hipótese proposta por Almeida Fernandes é totalmente baseada numa análise filológica da evolução deste topónimo. Esta proposta de Almeida Fernandes é, contudo, rejeitada por Jorge de Alarção, que considera que este topónimo, derivando de Monte Aureo, estaria relacionado com a exploração aurífera romana. Entende por isso que a primitiva paróquia de Menturio se deveria localizar na região de Valongo³⁶. No entanto, ambos os autores apenas têm em conta argumentos de natureza filológica, mas desconhecem totalmente os elementos de natureza arqueológica que corroboram uma ocupação deste local durante a Antiguidade Tardia. A hipótese de o atual topónimo de Montedouro poder estar associado à antiga Menturio mencionada no Parochiale Suevum poderá assim ser uma nova linha de investigação decorrente da cronologia das sepulturas escavadas na rocha e de outros elementos arqueológicos recolhidos nesta zona.

³⁴ BARROCA, 2010-2011: 123.

³⁵ BATATA, 2009.

³⁶ ALARCÃO, 2001: 40.

No território da atual freguesia de Perafita, para além das já referidas sepulturas da Bouça do Corgo, foram ainda identificados outros locais com uma possível ocupação contemporânea. A cerca de 800 metros para nascente de Montedouro, no sítio conhecido como Vinha da Bouça / Campo do Cardeal, foram recolhidos numerosos fragmentos de cerâmica romana, incluindo cerâmica comum, ânfora e material de construção romano³⁷. Um pouco mais longe, também para nascente, a cerca de 800 metros a sul das sepulturas da Bouça do Corgo, foi identificada a Mota de Madoufe numa prospeção realizada em 2008 pelo Gabinete Municipal de Arqueologia e História de Matosinhos. Mencionada num documento datado do ano de 1038³⁸, corresponde a uma estrutura defensiva característica dos séculos X e XI³⁹. No entanto, devido à escassez de elementos descritivos sobre este grupo de sepulturas da Bouça do Corgo não nos é possível aferir se poderão, ou não, partilhar a mesma cronologia. Apenas registamos a relativa proximidade entre os dois locais.

A três quilómetros a norte de Montedouro, já na vizinha freguesia de Lavra, fica o Fontão de Antela, onde foram recolhidos no ano de 1900 diversos elementos arqueológicos tardorromanos, nomeadamente restos de mosaicos tardios e fustes de colunas⁴⁰. Este sítio tem sido interpretado como uma antiga *villa* romana, tendo mais tarde sido transformada em mosteiro. Um documento datado de 897⁴¹ refere-se ao Mosteiro de Lavra dizendo «que o monasterio labra que est fundato ab antiquo in ripa maris comodo est conclusa de aqua in aqua et de Karia antiqua usque in mare....» Este Mosteiro de Lavra, que ficava entre o mar e o «Caminho Antigo» era já no século IX considerado de fundação antiga e a sua origem tem sido associada à igreja mencionada na listagem do *Parochiale Suevum* com o nome de *Labrencio*. A designada «Karia antiqua» será a antiga estrada que atravessava o Rio Leça pela Ponte de Guifões, junto ao Castro do Monte Castêlo e prosseguia para norte pelo lugar de Gonçalves, passando a pouca distância deste lugar de Montedouro em direção a Lavra.

É interessante notar que a sepultura n.º 1 de Montedouro, que está implantada no ponto de maior abrangência visual, está perfeitamente orientada na direção do local onde terá existido este antigo Mosteiro de Lavra.

O sítio de Montedouro apresenta assim novas possibilidades de aprofundamento da investigação arqueológica que vão muito além da simples descrição de inventário de mais um grupo de sepulturas abertas na rocha.

³⁷ PIRES, 2012: 90.

³⁸ PMH, DC, Doc. 303.

³⁹ MARQUES, BARROCA, AMARAL, 2018: 176-178.

⁴⁰ SANTOS, 1953.

⁴¹ PMH, DC, Doc. 12.

FONTES

PMH, DC: *Portugaliae Monumenta Historica*: a saecvlo octavo post Christvm vsqve adqvintvmdecimvm. *Diplomata et chartae*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Vol. 1, pp. 1867-1873.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (2001). As paróquias suévicas no território actualmente português. In VILLAR, F.; FERNANDÉZ ALVARÉZ, M. P. ed. Religión, Lengua Y Cultura Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 29-59.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2009). Rocha Peixoto e a cronologia das sepulturas escavadas na rocha. A propósito de uma polémica recensão à revista Portugália. «Póvoa de Varzim Boletim Cultural». 43, 221-233.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011). Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho. «Portvgalia». Nova Serie, 31-32, 115-182.
- BATATA, Carlos (2009). Sondagens arqueológicas em Pampelido/ sepultura 1 de Montedouro (cns 783) (Perafita) no âmbito da empreitada de construção do Ramal de Leça –TRP 02-40-001 Relatório Final, Abrantes (policopiado).
- BENCATEL, Diana Ornelas (2009). Sarcófagos e sepulturas medievais (Maia e Matosinhos): Análise tipológica e cronológica. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 12: 2, 209-238.
- FERNANDES, A. de Almeida (1997). Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas, Arouca, [s. n.].
- MARQUES, A. M.; BARROCA, M. J.; AMARAL, L. C. (2018). As incursões vikings no norte de Portugal. In BARROCA, M. J.; SILVA, Armando Coelho coord. Mil Anos da Incursão Normanda ao Castelo de Vermoim. Porto: CITCEM, pp. 143-184.
- PEIXOTO, Rocha (1906). Sepulturas abertas em rocha. «Portvgalia: Materiaes para o estudo do povo portuguez». Tomo II. 2, 287–288.
- PIRES, Conceição (2012). Contributos para o estudo do povoamento de Matosinhos da Pré-História ao Séc. VIII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- PIRES, Conceição (2016). Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1953). *Um mosaico romano de Lavra Matosinhos*. In *Temas Regionais de Arqueologia e Etnografia*. Guifões-Matosinhos: [Edição de autor], vol. I.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1955). Castrum Quiffiones: Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas. Matosinhos: [Edição de autor], vols. I e II.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1959). *A Torre de Linhares na época romana*. Guifões-Matosinhos: Edição do Autor.
- SARMENTO, Francisco Martins (1933). Cartas inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva. «Boletim de Trabalhos Históricos». 1, 13-50.
- SARMENTO, Francisco Martins (1970). Antiqua. «Revista de Guimarães». 80: 1-2, 11-72.
- TEIXEIRA, Ricardo (2009). *Idade Média: dados e perspectivas arqueológicas sobre o território do Leça no período medieval (sécs. IX XIV)*. In VARELA, José; PIRES, Conceição, *ed. Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 199-232.